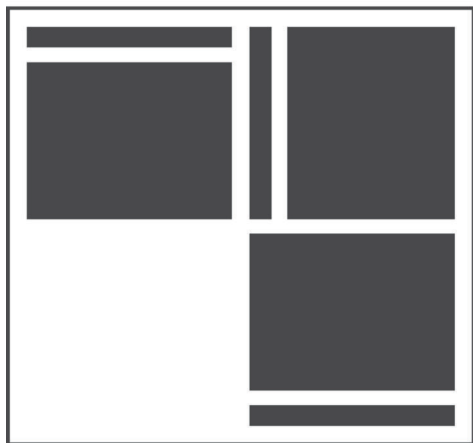




JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XVII nº 132, setembro/outubro — 2025



LORCA E DALÍ

Ronaldo Costa Fernandes

A relação entre Salvador Dalí e Federico García Lorca foi de uma amizade transbordante, alucinada – e, por incrível que pareça, mais solicitante da parte de Lorca – e acabou por influenciar o poeta granadino. Há um momento crucial na trajetória de Lorca ao publicar o seu *Cancionero gitano*. Era o momento mais alto de uma poesia enraizada no solo de Andaluzia. Ao mesmo tempo em que recebia as melhores críticas e tinha se tornado um poeta nacional, Lorca recebia uma admoestação devastadora de Dalí que lhe escrevia desde Figueres, sua cidade natal na Catalunha.

Na carta, Dalí acusava Lorca de ser passadista, de ter feito um livro “costumbrista”, uma poesia provinciana, localista, logo pouco universal. Este “gitanismo” de Lorca ia contra toda a estética do pintor catalão. Dalí gostara muito das odes que escrevera o poeta andaluz porque uma era a ele dedicada e estavam despojadas de elementos pitorescos e anedóticos e pejadas de surrealismo. “Ode a Salvador Dalí” e “Ode ao Santíssimo Sacramento” são dois poemas longos, distantes da temática cigana, e construídos com uma estética que não prima pelo ritmo das redondilhas e refrões típicos do “cante jondo” da sua Granada.

Antes, Salvador Dalí havia escrito um longo elogio, estranho e deslocado elogio, a São Sebastião. Os dois tinham verdadeiro fascínio pela figura jovem e despida, musculosa, de San Sebastián. A literatura de Dalí era tortuosa, com ortografia própria – e imagens desbordantes. Entre outras tantas imagens aparecem, por exemplo, frases do tipo: “Cada minuto llegaba el olor del mar

y anatómico como las piezas de un can-grejo”. Já era uma forma de literatura que impressionou García Lorca tanto quanto os quadros do pintor. Dalí passou a ser para o poeta um teórico não apenas da arte em geral, mas da teoria da literatura. Vale lembrar que Dalí era mais jovem que o poeta malaguenho e estava naquele momento se

afastando de Lorca (para a tristeza e ciúmes de Federico). Outro que condenou – e chegou até mesmo a ridicularizar – foi Buñuel que por esse tempo se aproximava mais de Dalí. Ambos se reuniram, nesta época, para escrever o roteiro de *Le chien andalou*. A carta de Buñuel, contudo, não chegou a ser lida por Lorca.

MACHADO EM TRENDING TOPICS

Raul de Taunay

Há tempos havia escrito um ensaio — que nem sei mais por onde anda — sobre se Machado de Assis escrevesse hoje. E por esses dias fui surpreendido por um artigo de meu confrade Edmilson Caminha a respeito de Roberto Marinho, considerado “O outro bruxo do Cosme Velho” que, bem escrito e didático, me reportou, de imediato, ao meu antigo ensaio, fazendo-me imaginar novamente um mundo onde Bentinho e Capitu virassem trend no X e Dom Casmurro fosse uma minissérie disputada pela Netflix, GloboPlay e até a HBO Max.

Ao pedir que relevem a utilização por mim de alguns estrangeirismos, sem os quais este texto perderia seu potencial de impacto, procurei imaginar o que seria da obra de Machado de Assis se ele surgisse nestes tempos de internet e tecnologias digitais.

Provavelmente, o maior nome do realismo brasileiro não escaparia da força das adaptações audiovisuais. *Memórias Póstu-*

mas de Brás Cubas seria uma série experimental, com cortes rápidos, narrados em off e monólogos existenciais — um sucesso entre os fãs de Fleabag e The Bear. Brás Cubas, narrado do além com sarcasmo, como protagonista ideal para o gosto contemporâneo por personagens cínicos e autorreflexivos.

Quincas Borba? Dá até para imaginar um spin-off com o cachorro ganhando voz própria, porque, claro, o streaming adora um animal carismático. E o famoso lema “ao vencedor, as batatas” talvez virasse um meme ou um bordão irônico viral no TikTok.

Na TV Globo, Capitu provavelmente seria uma personagem de novela das 9 com toda a polêmica de sua suposta traição; a musa seria alvo de fóruns, podcasts, debates ao vivo, reações no YouTube. Teríamos hashtags do tipo #capituinocent ou #Time-

Continuação na página 2

Bentinho, porque, hoje, Machado estaria menos na estante e mais no trending topics.

E quanto ao próprio Machado? Talvez mantivesse sua postura discreta e crítica, mas com uma conta no X onde soltaria pensamentos ácidos e aforismos dignos de viralizar. Ou então, quem sabe, teria um canal no YouTube lendo seus contos com comentários entrelinhados, ou participaria de lives literárias com influenciadores culturais.

Qualidades não lhe faltavam: era um homem reservado, avesso a exposições públicas; mas era também um observador que enxergava a vida com um olhar crítico, sarcástico e infinitamente inteligente — embora cético e temeroso das verdades absolutas do ser humano e da sociedade em geral.

Debaixo de seu intelectual refinamento e sua deep culture, exibida com singela sutileza um autodidatismo niceless, louvável para a época.

O fato é que, com inteligência, ironia e a visão de mundo que tinha, Machado seria grande em qualquer época. Todavia, nos dias de hoje, suas obras ganhariam novas camadas: análises de classes, racismo estrutural, o peso das aparências e a subjetividade da verdade, tudo isso com estética contemporânea e alcance global.

Machado não seria só adaptável. Ele seria trending.

Ouso afirmar, por conseguinte, que Machado será recordado hoje e sempre — e será constantemente in — uma vez que, como ninguém, investigava as contradições, desejos e fraquezas da alma humana, com altas doses de realismo psicológico, criticando com humor e ironia fina a sociedade, sem precisar ser agressivo e brincando com o leitor, questionando seus próprios personagens de forma envolvente e ambígua.

Enfim, desnecessário repetir o que o Brasil inteiro já sabe: ninguém nos legou uma linguagem tão tocante e precisa. A atualidade de suas narrativas, na interpretação dos costumes, consegue se habilitar nestes tempos pós-modernos de simplificações e frases de efeito, que trazem significa-

dos novos para entendimentos profundos. Além do que ninguém teve uma escrita a tal ponto elegante, sem excessos, incomodando o leitor desconfortavelmente lúcido.

Em suma, Machado é ainda hoje uma dose de bom gosto neste universo mediático espalhafatoso, onde impera a gritaria e a vulgaridade.

Como ele mesmo escreveu em suas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, com ironia fina e humor: “A vida é uma ópera bufa com alguns intervalos sérios.” Pois, dentro dele conviviam dois opostos, o bufão e o sério, em equilíbrio, produzindo unforgettable settings que nunca serão borrados de nossa lembrança.

SUBSTÂNCIA DO LUGAR

*Fernando Chagas Duarte**

gosto das avenidas largas
dos outros países
e das manhãs ímpias do meu,
gosto dos casarios baixos
que se acotovelam em férias de Verão
junto à praia
e reconheço um luxo consensual
ao gostar negro desta calçada
da pedra lisa
achada
naquele último abraço de lava
que amamos às escondidas

depois, há um prazer inevitável
no lume da imobilidade.

*Escritor português [Lisboa, 1964], publicou, dentre outros, *A hora das coisas* (poesia, 2017), *Oblíquos* (poesia, 2018), *O fim de um lugar* (romance, 2022) e *Nos confins de um lapso* (2023).

Soneto do Mês

ESTRELA MATUTINA

Bernardo de Oliveira

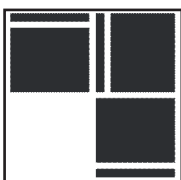
Negros olhos belíssimos, rasgados,
como os da águia, vivos, penetrantes,
na paz – serenos, meigos –, mas irados,
podem fundir rochedos e diamantes.

Também negros cabelos ondeantes;
boca pequena, lábios nacarados.
Alvos dentes; de mármore talhados
os braços são e os seios ofegantes.

E o corpo inteiro; as faces purpurinas.
É uma formosa matutina estrela
fulgurando entre as névoas matutinas.

É uma deusa de Rubens sobre a tela,
tem a morte e o amor sob as retinas...
e eu tenho a vida nos olhares dela!

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF

Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642

E-mail: contato.anedf@anenet.com.br @associacaonacionaldeescritores

31ª DIRETORIA
2023-2026

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho

Vice-Presidente: Roberto Rosas

Secretária-Geral: Sônia Helena

1º Tesoureiro: Gilmar Duarte Rocha

2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza

Diretora Cultural: Sandra Maria

Conselho: Anderson Braga Horta, Edmilson Caminha,
José Carlos Coutinho, Danilo Gomes, José Peixoto Jr,
Kori Bolivia e Napoleão Valadares

JORNAL da ANE nº 132 – setembro / outubro 2025

Conselho Editorial

Anderson Braga Horta, Sônia Helena e

Fabio de Sousa Coutinho

Programação Visual

Rosângela Trindade e Cristina Cardoso

Revisão

Napoleão Valadares

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

MÁRIO PALMÉRIO, ENTRE LETRAS E NÚMEROS

Gilmar Duarte Rocha

Dia desses eu confabulava com amigos a propósito de literatos de ficção que alcançaram certa fama e que tiveram formação em ciências exatas. O motivo da curiosidade era que, a quase totalidade dos escritores ao redor do mundo, desde o século XIX, quando a escrita de ficção se consolidou desde o advento do Romantismo, tinha cátedra em Direito, Jornalismo, Teatro, Ciências, Política ou mestre de ensino superior especializado em alguma matéria de ciências humanas.

— Euclides da Cunha. Era engenheiro e tinha formação militar — um amigo veio com essa lembrança pertinente, mas outro amigo tinha opinião diversa:

— Discordo. *Os sertões* é romance-reportagem e Euclides era também jornalista, tendo escrito diversos ensaios para jornais do seu tempo.

A dúvida pairou no ar por alguns instantes, até que outro colega, naquela roda de papo literário, veio, finalmente, com a exceção da regra:

— Mário Palmério, aquele cara de Minas, autor de *Chapadão do Bugre*. Parece que ele tem formação em Matemática, aliás, ele exerceu o cargo de professor de Matemática por um bom tempo.

O companheiro tinha razão. O mineiro Mário de Ascensão Palmério, nascido em Monte Carmelo, no ano de 1916, fez o curso básico em escola militar, depois migrou para São Paulo onde ingressou numa escola de magistério, especializando-se em Matemática. Lecionou a matéria em diversas escolas de São Paulo e Uberaba, cidade de Minas Gerais onde viria a se estabelecer.

Em Uberaba, criou gosto pela área educacional e teve o privilégio de criar escolas e faculdades, contando sempre com o beneplácito e o apoio do poder público. De natureza inquieta e irreverente, não se contentou apenas com a área de educação, arriscou-se na política, filiando-se ao PTB no ano de 1950, época em que se elegeu deputado federal por seu estado natal. Alternou educação com política durante toda a década de 1950 e início dos anos sessenta, período em que foi nomeado pelo presidente João Goulart para o cargo de embaixador do Brasil na República de Paraguai.

Assim como Graciliano Ramos, que ele teve a oportunidade de conhecer alguns anos antes e que tinha muitas coincidências com a carreira dele, publicou o seu romance *Vila dos Confins*, em 1956, com mais de quarenta anos, auferindo ligeiro reconhecimento por parte da crítica especializada.

Vila dos Confins era inicialmente uma compilação de artigos sobre a vida prosaica do camponês e das cidades do interior de seu estado. Depois, o autor resolveu convertê-lo em romance e o resultado saiu melhor do que o esperado. A peça de ficção aborda a dinâmica dos pequenos municípios, o jogo político e os costumes regionais, tendo como pano de fundo o Brasil do fim dos anos 1940 e início dos 1950, um período de eleições presidenciais e de Guerra Fria, no âmbito mundial.

Após o período de plena atividade política e diplomática, resolve dar um breve descanso a si e à família, isolando-se na sua fazenda localizada no sudoeste de Mato Grosso (hoje Mato Grosso do Sul), onde escreve aquela que seria a sua obra prima, *Chapadão do Bugre*, romance caudaloso, publicado em 1965, que teve sucesso imediato de público e crítica, tendo demandado inúmeras reedições.

Chapadão do Bugre foi fruto das suas pesquisas sobre os costumes e o linguajar do povo de sua terra, seguindo a trilha aberta por seu amigo e conterrâneo Guimarães Rosa. A diferença para os livros de Rosa é que ele praticamente não usa o artifício do neologismo, preferindo seguir o dialeto da região e regredir o enredo no tempo até o princípio do século XX, período em que o coronelismo tinha as suas garras afiadas e controlava a vida e o destino dos cidadãos.

Segundo o colunista e blogueiro Guilherme Lê “alguns fatos narrados no livro foram inspirados num crime real acontecido em Passos no início do século passado, com a participação de um delegado militar e espécie de interventor na cidade, Isidoro Correa Lima. A história de *Chapadão do Bugre*, no entanto, é mais complexa, cheia de aventuras e reviravoltas e num estilo que me agradou bastante.

O romance nos conta a história de um rapaz, José de Arimateia que, sem família, é acolhido e praticamente criado por um fazendeiro. Esperto, aprende a ler, escrever e mais

tarde aprende o ofício de dentista, que lhe abre caminho para ganhar a estrada e almejar novas conquistas. Mais tarde, mata um ricoço e dispara uma perseguição que dura anos...”.

Acho que li esse romance em questão de dias, uma semana talvez, tamanha a fluidez do texto; engendramento perfeito da trama; e o ritmo que o escritor imprimiu à sua narrativa que prende o leitor do começo ao fim do livro. Apesar de denso (em torno de 400 páginas), Palmério criou uma atmosfera feérica para o segundo romance, onde a caça anda sempre a um passo na frente do caçador, ora passando ao leitor a impressão de que a presa será abatida a qualquer momento, ora deixando o fugitivo a léguas de distância do seu perseguidor, num jogo de gato e rato sem perspectiva de fim. Como o leitor anda de braços dados com o narrador durante o desenrolar da história, ele apenas não se prende à faceta romanesca da obra; ele também contempla os rios; as picadas; as cachoeiras; a mata; o bioma completo da zona baixa das Minas Gerais.

Bom. Como nem todo bom escritor é prolífico, Mário Palmério nos legou apenas essas duas magistrais obras do gênero modernista e regionalista (chegou a escrever um terceiro romance — *O morro das sete voltas* —, mas não deu cabo de lançá-lo em vida, talvez porque esse terceiro rebento não tivesse a mesma qualidade dos seus antecessores). Amante da vida, sempre com o coração e a alma libertária, a partir da década de 70, o escritor resolve fazer um empreendimento ousado, uma viagem de barco à Amazônia que duraria mais de dez anos (com algumas breves interrupções), talvez colhendo material para uma copiosa obra no formato de um compêndio; mas certamente meditando e contemplando a natureza bela e rústica como tão bem retratou nas suas obras.

Passou seus últimos dias na sua querida Uberaba, assumindo o cargo de presidente de honra da universidade local e compartilhando o seu conhecimento com amigos e família. Faleceu em 24/07/1996.

Palmério não poderia deixar de ser imortal. Alguns anos antes de partir para a aventura amazônica, assumiu a cadeira número 2 da Academia Brasileira de Letras, sucedendo o seu conterrâneo e inspirador João Guimarães Rosa.

PAPAI JOEL FALA INGLÊS

Wilson Rossato

“My equipe played very nice. In the first time... Iraq and South Africa play same, but in second time I have the control the match. We controlled the match, my equipe played in the left, in the right, in the medium. I had one best opportunity for the score. Iraq marked in the medium from behind. E after, in the second time, I make two changes. One player experienced, Katlego Mashedo, and another player que have experience, que play, play very good, Steven Piennar. But I don't made the goal.”

Começou assim um dos maiores “limões que viraram limonada” na vida de Joel Natalino Santana. E não é exagero afirmar isso. Essa foi a resposta que ele, treinador da seleção da África do Sul, deu após a partida entre seu time e o do Iraque pela Copa das Confederações, no dia 14 de junho de 2009. O jogo havia terminado empatado em 0 a 0 e

a TV local correu para entrevistar o treinador do seu país. Ele, então, primeiro procurou sua intérprete na seleção, mas não a encontrou na confusão pós-jogo e, segundo o próprio, como estava satisfeito com sua equipe, apesar do empate, pois viu uma boa atuação de seus jogadores naquele dia, resolveu falar para a equipe da TV sem qualquer intermediação.

Falava um inglês com palavras em português e traduções literais incompreensíveis para os falantes nativos, além de um forte sotaque, que ele sempre usou fosse na África do Sul, nos Emirados Árabes, na Arábia Saudita, ou no Japão. Joel fez sua avaliação do jogo para o repórter e se deu por satisfeito. Com a missão cumprida.

Ledo engano. Na semana seguinte (o jogo foi num domingo), a entrevista já estava correndo a internet no Brasil, além do vídeo de um funk bem editado com as palavras ditas

pelo treinador nessa entrevista, com imagens dele e da África do Sul, no YouTube.

O sucesso foi tamanho que, no dia 19, a colunista especializada em televisão, Patrícia Kogut, do jornal O Globo, falava sobre a entrevista que havia passado no programa “Troca de Passes”, do SporTV, em que o apresentador Luiz Carlos Júnior tinha feito uma tradução do que Joel havia dito. E no dia seguinte, o Jornal do Brasil publicou, dentro de uma matéria sobre o Brasil na Copa das Confederações, um box com o título “No embalo do pancadão”, explicando que a entrevista e o funk “já viraram hit na internet”. Também ensinava que era só acessar o YouTube e digitar as palavras “funk” e “Joel” para encontrar o vídeo.

A reprodução desse trecho é parte do capítulo sete da biografia “Joel Santana – O verdadeiro King do Rio”, de Wilson Rossato

DEDICATÓRIA À CIDADE VERDE

José Roberto da Silva

À brutalidade inocente dessas pedras de cristal

Aos frutos das maduras mangas enfim caídos

Ao calor do sol sobre a nossa terra vermelha

Ao fulgor negror das amoras nas amoreiras

Às sombras das nuvens de verão deslizando pelo chão

Aos pássaros trinando ocultos entre as folhas verdes

Aos musgos envolvendo troncos úmidos em janeiro

Aos cães de apartamento e sua ingênua felicidade

À vertigem das flores róseas nos altos troncos dessas paineiras

Ao incansável amontoar de terras rubras nos formigueiros

Aos trilhos fabricados por nossos pés sobre os gramados

Aos galhos secos espalhados sem lógica pelas quadras

Às covas rés-do-chão onde viveram belas árvores urbanas

Aos cogumelos castanhos nesses troncos amanhecidos

Aos discretos e suaves voos carnívoros dos gaviões

Às asas de negro ônix africano dos altivos urubus

Aos buganvilles e flamboyants, manacás e ypês amarelos

À inconformidade liberal das nuvens e seu bojo de raios

Aos moradores dos gramados na cidade sem esquina

Às chuvas e rápidas enxurradas; tempestades de pó

A Lucio Costa, Burle Marx e nossa cidade verde

Aos satélites-bairros que nos arroteiam

Passarinhos voando ao redor do ninho

À cidade-futuro presenteada

Pelos iluminados anos 50!

AS VEIAS EXPOSTAS DA INQUIETAÇÃO

Ronaldo Cagiano

Jugular Exposta (Editora The Poets and Dragons Society, Lisboa, 2025) é o terceiro livro da escritora portuguesa Rita Tormenta (Porto, 1970), cuja carreira artística multivalente marca sua trajetória estética. Formada em teatro, com trabalhos de educação para a sensibilidade no CAI/Gulbenkian desde 1994, é co-criadora do evento “Aqui vai livre”, integra a coordenação da Noite de Literatura Ibero-americana (OEI), realiza tertúlias em Almada e cumpre outras agendas em diversos eventos. Autora de *Centrifugar angústias a 1600rpm* (2022) e *O pequeníssimo livro de ti* (2023), traz em sua nova safra uma poética contundente, de profunda imersão na condição humana, a partir de um olhar imersivo sobre questões individuais e coletivas, escandindo, como num processo de fricção com a realidade, os desassossegos que compõem seu caudal de perplexidades.

O título da obra remete-nos à sensação metafórica do ser em plena exposição de suas inquietações e seus íntimos dilemas, num encontro de contas com o que nos atormenta, com os escuros e abismos da alma, com os apuros da consciência e as vertigens do percurso existencial.

Visceralmente exposta à lâmina das débauches quotidianas, a poesia de Rita é uma vertiginosa descida aos escaninhos e mistérios que nos rodeiam, ao espírito conflagrado por refregas que amplificam um certo nihilismo diante do obscurantismo e das fragilidades do homem perdido no cipoal de suas próprias contradições, nos becos sem saída que contornam as náuseas do nosso dia—a—dia. Numa zona que gravita em torno de sombras e claridade, a memória, o tempo, as tensões familiares, a melancolia e os paradoxos que norteiam os espaços de convivência pessoal e coletivo.

Não obstante o intimismo e a escuta interior, sua poesia não cede ao confessionalismo fútil nem ao desabafo. É, antes de tudo, um chacoalhar nos sentimentos como uma catarse, na esteira de um registro escrutinador e metafórico sobre o seu entorno e temas que emergem de uma consciência idiossin-

crática, em plena efervescência crítica. Em “Movimento peristáltico”, a poeta concede-nos a chave para penetrarmos o profundo de sua oficina criativa: “Escrever é para mim um movimento peristáltico entre o espanto e o vômito”. Ou quando desfere, sem hesitação nem piedade: “Creio na descrença./ Acolho a dúvida.” (...) “Sou especialista em desamores, dilúvios e/ desarrumações.”

É nessa perspectiva radical, sem meias palavras e sem dourar a pílula, que sua palavra vai enfrentando os desafios não apenas da arte, mas de uma panóplia de contenciosos, nesse mundo em permanente desconforto, seccionado pelas barbáries e tragédias, pelo aviltamento dos valores e o declínio civilizacional, quando a poesia demanda uma contenda permanente com as trevas, digladiando-se com a morte sempre à espreita.

Na fluência de seu meticuloso proces-

so de elaboração, Rita Tormenta contempla numa sintaxe singular um roteiro de mundividências: o lírico, o social, o filosófico, o nostálgico e o metafísico permeiam a sua *praxis* poética, na apropriação não apenas de uma linguagem esmerada, na fruição de uma simbologia e de imagens que incorpora, ao dissecar sensações que povoam seu inconsciente e seu imaginário, ou ainda quando dialoga com autores e obras (Julio Cortazar, Alejandra Pizarnick, Reinaldo Ferreira), em sutil flerte intertextual.

Jugular Exposta, pela densidade e alta voltagem semântica, consolida a trajetória de uma poeta que maneja com habilidade a arte de compreender as vertigens e fraturas expostas de seu tempo e no pleno domínio de seus artefactos, consistindo numa voz peculiar no panorama da atual poesia de língua portuguesa.

VILA BOA

Anderson Braga Horta

Jales em Vila Boa de Goiás
levava água do chafariz da praça
a nossas casas
em grandes latas de querosene à cabeça
e cantava as empregadas.
Trepava em coqueiro de costas e de cabeça pra baixo.
No córrego Manuel Gomes
mergulhava com as pernas trançadas em volta do pescoço
enfiava a cabeça numa loca sob a pedra que aflorava
e lá se esquecia por minutos que não acabavam.
Ao subir trazia as mãos pejudas de cascudos.
Tomava-nos da atiradeira
que alguns diziam bodoque
e matava uma borboletinha à distância de alguns metros.
Pintava os canecos exibindo-se para as crianças
e as empregadinhas
e dizia Eu sou Deus.

Acima do poço do Manuel Gomes
a alvura cintilante dos lírios cantava
e envolvia-nos no abraço de um odor divino e sensual.

AUSÊNCIAS

Nirton Venancio

O escritor morreu e deixou seu gato sozinho na vastidão do apartamento. O gato caminha entre livros, papéis, sobe na mesa, salta em direção ao corredor, olha em volta o que não mais volta. Tudo está igual, mas tudo está mudado, à noite a lâmpada não se acende mais. O gato ouve passos nas escadas. Alguém está trazendo a comida? Mas aquela mão que coloca um peixe no pratinho não tem as mesmas veias. As coisas deixaram de ser na hora e no olhar costumeiros. O cotidiano desapareceu; outro se modela.

O escritor morreu, e o gato se revolta. Mia dizendo que *"Morrer – isso não se faz a um gato. / Pois o que há de fazer um gato / num apartamento vazio"*. O gato espera o escritor aparecer. *"Vai aprender / que isso não se*

faz a um gato". O gato caminha devagarinho *"sobre patas muito ofendidas"*. Que se pode fazer agora? *"Dormir e esperar"*.

Com imaginação e personificação, a poeta polonesa Wislawa Szymborska escreveu o poema *Gato num apartamento vazio*, publicado no livro *Fim e começo*, de 1993. É dedicado ao romancista austríaco Kornel Filipowicz. Foi o grande amor de Szymborska durante quase três décadas. Conheceram-se no final dos anos 40, reencontram-se em 1967. Ela divorciada, ele separado. Não se casaram, não moraram juntos. Não precisava. *"Éramos cavalos galopando um ao lado do outro"*, dizia ela. Trocaram uma imensidão de cartas, entre 1967 e 1985, que a editora espanhola Las Afueras compilou em livro, *Escribe si vienes*, inédito no Brasil.

Filipowicz faleceu no final de fevereiro de 1990, aos 80, seis anos antes de Szymborska ganhar o Nobel de Literatura, que ela dizia ter sido *"o terremoto de Estocolmo"* em sua vida, referindo-se, em comparação de impacto, à ausência do amado.

No início de fevereiro de 2012 Szymborska dormia em sua casa, em Cracóvia, quando não mais acordou. Tinha 88 anos.

Assim como o gato órfão de Filipowicz, um sentimento vagueia pelos livros em minha estante. Esses passadiços horizontais em que se guardam dorsos verticais de tempo. Olho. Como o felino antes do salto. Szymborska em minhas mãos. O tato de minhas retinas pelos corredores de cada página. E releio o poema. É o que se pode fazer agora.

POEMAS DE TANIA MALINSKI

RECEITA

Para quem gostar de música,
letra, rima e matemática
receita é poesia
espécie de filosofia
em dose homeopática.

AGENDA

Com tantas prescrições diárias
para o tal "viver bem",
o descanso quase vira
obrigação também.

PONTUAÇÃO

No banco que ladeia o lago
um hífen
propõe pausa para ver três patos,
as reticências n'água.
Uma pequena pedra atirada
junto ao graveto que flutua
e pronto:
eis um novo ponto
para exclamação!

REPOUSO

Quando falta a certeza
entre o falar e o calar
temos sempre
a Poesia
para registro do momento
que se sente em pensamento
pois tudo [ou quase tudo]
pode ser relido
logo ali mais adiante
então o Poema vira
justo aquele
instante
que podemos adiar.

UMA ACADEMIA DE LETRAS HOJE

Roberto Rosas

O tempo deve ser ponderado ou medido no julgamento das coisas, dos homens ou das ideias. Assim, não pensemos numa revolução, hoje, com a mente de 1789. Os tempos são outros, as circunstâncias diferentes, mas há elementos de ligação no tempo, para a boa ou má interpretação.

A Academia de hoje não é a mesma do século XVIII (francesa), como não é do século XIX (brasileira), mas há um liame no tempo, a ideia de cultura, de reunião, de cultivo de língua, o aprimoramento da literatura em todos os seus ramos.

Hoje, a academia tem mais difusão e profusão porque os meios de comunicação projetam seus acervos e suas palavras. Veja-se a digitalização das bibliotecas. As cópias de obras raras, de documentos, com nitidez incrível. É a tecnologia na difusão das ideias, e a concentração de pensadores num corpo.

Não vejamos a Academia de Letras, hoje, com as vestimentas do século XIX. Apenas discursos, e sim com ação, edição e projeção de ideias.

POEMAS DE MÁRCIO CATUNDA

ANDERSON BRAGA HORTA E O SEU APRENDIZ

Anderson Braga Horta é um homem-pássaro, que voa dentro de um aquário.
Com ele aprendi
a sondar a direção do périplo, que conduz “ao dentro de si e para o Aberto”.
Anderson mostra que, no íntimo labirinto, reside o vórtice da origem, e é preciso contemplar as amplidões.
A iniciação começa pelo espaço do mistério
e se faz com ar, água e espírito.
Estamos convictos de que é no Altiplano que brotarão as sementes da utopia,
porque a poesia é ascensão anímica,
nas solidões do espanto.
Na Índia, seria Avatar da Nova Era.
No Egito, escriba de Lúxor.
Na Grécia vaticinaria em Delfos, mas ele nasceu em Carangola e é o monarca dos aedos do País dos Candangos. Anderson, o de gestos noturnos, o que adivinha o silêncio e escreve a ária de orvalhos de prata.
Anderson, o que veio ensinar o caminho seguro e a vida certa.
Suas antenas vêm do cérebro de Orfeu,
e seu território está repleto das rosas arcanas da madrugada.
Com ele, aprendi as metáforas do Eterno
e a música da comunhão dos céus!

OS PASSEIOS LUMINOSOS DA VAGABUNDAGEM LÍRICA

Sol da tarde cinzenta,
voltaremos a esta praça tranquila, onde tudo é propício
à meditação?
Plenipotenciário verdadeiro:
voltarão estas sombras a passar,
nestes mesmos lugares?
Ou as sombras e os lugares
não serão os mesmos?
Voltarão essas tardes de outono, em que aprendo
o spleen de Baudelaire?
Tudo voltará
e será a mesma essência?
Não serão as mesmas experiências,
porém voltarei a vivenciá-las?
Recordo-me de que deambulei neste bairro,
na estação passada,
e noto que o dia de hoje
semelha o de outrora.
Tão outro, porém,
é o meu estado de espírito!

POEMAS DE PAULO FRAGA-QUEIROZ

QUINTANIANA

o que
adianta ser
um Narciso
que se olha
no espelho
se num piscar
de olhos
quando vê
já não é
o mesmo
eu já
nem olho
seja lá
o que veja
ou me valha
espelho meu
me seja
e vê
se não me
avacalha

EMBRIAGAI-VOS, DISSE BAUDELAIRE

no tampo da mesa
o tempo estendido
como um segundo parado
tecido em si mesmo
sob a taça suja parece sangrar
o pano embebido em vinho
e o oco da noite é um
pouco o eco do mundo
é nessa hora opaca que a luz dança
devassa e reflete na lâmina d'água
colorindo garatujas no ar
tornando líquidas as paredes,
os azulejos, os ladrilhos, os desejos
futuros, os deuses, os adeuses,

a alegria.

A ÚLTIMA FLOR DO LÁBIO

ela, última flor
despenca (em pencas?)
seu esplendor

quando luzia das procelas
sua nau de brancas velas
nua carranca de fingidor

arranca do peito
dor em forma de soneto
que nem Florbela Espanca

é a um só tempo
clangor e arrefecimento
desconhecida em seu langor

meta, som, mensagem,
lambo a língua morta, à míngua,
lânguida, à margem,

amor, aroma
de mar português, amaro
idioma, quem fez?

oh, lavo essas mãos à toa
quem vê versos de Camões,
versões de Pessoa?

ORA MINHA SENHORA

Para Adriano Espínola

morava em mim como se dona fora
nascida na contrita luz da aurora
de cores mil de abril de anil se arvora
à outra flor, a bela que é pastora

e se a Eliot abril cruel aflora
a mim abriu-se em casa a manjedoura
sou o corvo que os próprios pés devora
sou o poeta de morte imorredoura

eu sou dos Anjos: toma a tal tesoura
pois engenho e caliça sou quem chora
de desencanto e triste vai embora

se a cor do dia acorda e logo cora
sou eu quem ceifa o campo e aqui pastora
Lia após tantos anos de lavoura

REFLEXÕES DE FREUD SOBRE A GUERRA

Vera Lúcia de Oliveira

Quando Freud escreveu, em 1932, “Por que a guerra?” (*Obras Completas Psicológicas de Sigmund Freud*. RJ: Imago, vol. XXII, 2006), sabia muito bem do que estava falando: dois dos seus três filhos lutaram na Primeira Guerra Mundial. Como todo pai, ficou extremamente apreensivo e sofreu sem nada poder fazer. Revelou, no entanto, os sentimentos mais íntimos à amiga, também psicanalista, Lou Andreas Salomé, em preciosa troca de cartas, reunidas em *Freud / Lou Andreas Salomé – correspondência completa* (RJ: Imago, 1975), obra de muito valor.

Desanimado, mas querendo ter um pouco de esperança, fala de seus temores. Diz a ela que o filho mais velho, Martin, teve o quepe perfurado por uma bala, e outra roçou-lhe o braço. (Depois seria condecorado com a medalha de prata por bravura.) Já o caçula, Ernst, teve, como o irmão mais velho, um golpe de sorte: foi o único a escapar ao destino de ser enterrado vivo, no momento em que procurava abrigo, quando viu toda a companhia ser morta numa trincheira. (Eles que lutaram pela Áustria e depois foram obrigados a deixar o país no nazismo, que executou três irmãs idosas de Freud.)

Há ainda outro excelente ensaio anterior, de 1915, intitulado “Reflexões para os tempos de guerra e morte” (Op. cit., vol. XIV), escrito poucos meses da deflagração da Primeira Guerra Mundial, em que Freud expõe sua preocupação com a destruição dos bens culturais: “Não podemos deixar de sentir que jamais um evento destruiu tanto de precioso nos bens comuns da humanidade, confundiu tantas das inteligências mais lúcidas, ou degradou de forma tão completa o que existe de mais elevado.” (Op. cit., p. 285.) Freud clama em favor da civilização para que se ponha fim à guerra, que nada respeita, que

esmaga com fúria cega tudo que surge em seu caminho, como se, após o seu término, não fosse haver nem futuro nem paz entre os homens. Corta todos os laços comuns entre os contendores, e ameaça deixar um legado de exacerbação

que tornará impossível, durante muito tempo, qualquer renovação desses laços (p. 288).

Continua a fazer observações que se aplicam aos dias de hoje: Duas coisas nessa guerra despertaram nosso sentimento de desilusão: a baixa moralidade revelada exatamente por Estados que, em suas relações internas, se intitulam guardiães dos padrões morais, e a brutalidade demonstrada por indivíduos que, enquanto participantes da mais alta civilização humana, não julgaríamos capazes de tal comportamento (p. 290).

Observa ainda Freud que a civilização foi alcançada por meio da renúncia à satisfação instintual num longo trabalho de educação, porém ameaçada sempre pelas forças primitivas reprimidas mais toscas. Nesse ensaio primoroso, o leitor interessado no assunto vai deparar com muitas outras reflexões psicanalíticas esclarecedoras e profundas.

No artigo “Por que a guerra?” (Op. cit., vol. XXII), na verdade, resposta à carta de Einstein (com quem se encontrara uma única vez na casa do filho caçula em Berlim), escrita em setembro de 1932, em Viena, Freud começa por dizer que, em atendimento ao convite da Liga das Nações, feito em 1931, aceitou participar — sem muito entusiasmo a princípio —, da troca de cartas para um franco intercâmbio sobre “o mais urgente de todos os problemas que têm de enfrentar”. Algumas dessas cartas muito amistosas foram escritas em 1936 e 1939. (Em 1933, foram proibidas de circular na Alemanha).

Einstein começa com uma pergunta:

“Este é o problema: Existe alguma forma de livrar a humanidade da guerra? É do conhecimento geral que, com o progresso da ciência de nossos dias, esse tema adquiriu significação de assunto de vida ou morte para a civilização, tal como a conhecemos; não obstante, apesar de todo o empenho demonstrado, todas as tentativas de solucioná-lo terminaram em lamentável fracasso.” (p. 193).

Dessa forma, pede ao psicanalista que o auxilie com seu conhecimento da vida instintiva do homem, pois, como leigo em ciências mentais, não tem compreensão das “obscuras regiões da vontade e do sentimento humano” (p. 193). Pacifista como Freud,

Einstein indigna-se com as aspirações econômicas, mercenárias, e a fome de poder político de um grupo reduzido, porém decidido, existente em cada nação, composto de indivíduos que, indiferentes às condições e aos controles sociais, consideram a guerra, a fabricação de armas simplesmente como uma oportunidade de expandir seus interesses pessoais e ampliar sua autoridade pessoal (p. 194).

E apresenta mais uma questão:

Como esses mecanismos conseguem tão bem despertar nos homens um entusiasmo extremo, a ponto de estes sacrificarem suas vidas? Pode haver uma resposta. É porque o homem encerra dentro de si um desejo de ódio e destruição. Em tempos normais, essa paixão existe em estado latente, emerge apenas em circunstâncias anormais; é, contudo, relativamente fácil despertá-la e elevá-la à potência de psicose coletiva. Talvez aí esteja o ponto crucial de todo o complexo de fatores que estamos considerando, um enigma que só um especialista na ciência dos instintos humanos pode resolver (p. 195).

E Einstein propõe a última questão a Freud: “É possível controlar a evolução da mente do homem, de modo a torná-lo à prova das psicoses do ódio e da destrutividade?” (p. 195), para concluir que, além das guerras entre as nações, como expôs, há também as guerras civis, motivadas por intolerância religiosa, perseguições a minorias raciais e outras. Pede ao psicanalista que apresente “o problema da paz mundial sob o enfoque das suas mais recentes descobertas, pois uma tal apresentação bem poderia demarcar o caminho para novos e frutíferos métodos de ação” (pp. 195, 196).

Freud observa a Einstein: “O senhor disse quase tudo o que há a dizer sobre o assunto.” (p. 197), mas acrescenta que ficará feliz em seguir o seu rasto, ampliando o que foi dito com o melhor do seu conhecimento. Começa por voltar aos tempos primordiais em que numa pequena horda era a força física que decidia o poder para, em seguida, ser suplantada pelos instrumentos de guerra mais eficazes, tendo como consequência a violência, a escravização dos venci-

Continuação na página 10

dos e o desejo destes de vingança. Fala, assim, da necessidade da lei, que é a força de uma comunidade. Em sua extensa e minuciosa exposição histórica, Freud chega aos nossos dias e propõe como solução a criação de uma autoridade central com o direito de arbitrar sobre todos os conflitos de interesses. (Se tivesse lido *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, poderia o psicanalista resumir o seu relato dizendo, como o filósofo Quincas Borba ao admirar a briga dos cães, que a luta “humana se complica muito porque entra em ação a inteligência do homem, com todo o acúmulo de sagacidade que lhe deram os séculos, etc.” (ASSIS, Machado. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. SP: Klick Editora, p. 216.)

Após a explanação histórica, Freud passa a acrescentar observações psicanalíticas sobre a teoria dos instintos (pulsões); pulsão de vida e pulsão de morte. A primeira, de preservação da vida, comandada por Eros; a segunda, agressiva, de destruição, da morte, comandada por Tânatos. Mas, (para complicar, acrescentamos) segundo Freud, são pulsões interdependentes. E a dificuldade, observa, está em isolar as duas. Assim, é muito difícil estabelecer os verdadeiros motivos que incitam os seres humanos a participar de uma guerra: desejo de destruição, de lucro financeiro e territorial, de glória, de heroísmo, de prazer, etc. Ou seja, qual é a verdadeira satisfação pulsional de cada um, não sabemos...

Pessimista, ou realista, diz Freud que de

nada adianta querer eliminar as inclinações agressivas do ser humano; pode-se apenas tentar desviá-las, e que somente o trabalho de Eros pode estreitar os vínculos emocionais entre os homens e atuar contra a guerra. E cita o “Ama teu próximo como a ti mesmo”, infelizmente mais falado que praticado, diz.

Assim, temos o pensamento de dois pacifistas, dos maiores e mais brilhantes cérebros humanos, com “uma intolerância *constitucional* à guerra, digamos, uma idiossincrasia exacerbada no mais alto grau” (p. 208), levando-nos a refletir sobre a guerra. Um diálogo atemporal e universal entre dois gênios, que continua tristemente atual em nossa sociedade, comandada pelos senhores donos do mundo...

A QUADRILHA DE DRUMMOND

Marcelo Torres

João amava Thereza, que amava Raimundo, que amava... Quem nunca ouviu ou declamou, quem nunca parodiou esse poema que Drummond chamou de “Quadrilha”? No princípio era o verbo — já dizia outro João — e esse verbo não podia ser nada mais nem menos que amar — João amava...

“Quadrilha” é caso de amor à primeira lida. Além de ser um texto dos mais fáceis, dos mais simples, o poema é dessas criações cheias de histórias, permeadas de curiosidades, cercadas de coisas inusitadas. Você vê, por exemplo, logo de primeira, que o poema não tem cara de poema. É aquele texto curto, reto, corrido, aquela prosa poética sem poesia. Noves fora, uma narrativa cômica, embora também trágica, já se vê, uma teia de histórias de amores não correspondidos. O poema, inclusive, acabou inspirando a paródia *Os três mal-amados*, que foi o segundo livro de João Cabral de Melo Neto, amigo do poeta itabirano.

“Quadrilha”, a palavra-título, tanto pode ser um grupo de criminosos como uma dança folclórica formada por casais em festejos juninos pelo país, quando são celebrados alguns santos católicos, sendo o principal deles o próprio São João. João que, não deve ter sido por acaso, é o primeiro nome da “Quadrilha”: João amava Thereza, que...

O curioso é que, na primeira edição, Thereza vinha com agá, como se fosse um adorno, como um brinco, um colar. Já Raimundo trazia um ípsilon, que mais parecia uma gravata, um crachá, um crucifixo. O poema fez parte

de *Alguma Poesia*, estreia do poeta (1930), livro que tem início com o “Poema de Sete Faces”, no qual Raimundo também aparece, mas sem o ípsilon: “Mundo mundo vasto mundo, se eu me chamasse Raimundo, seria uma rima, não seria uma solução.”

Na “Quadrilha”, Raimundo e Joaquim acabarão dormindo o último sono, mas, doze anos mais tarde, os dois vão aparecer de novo, desta vez em José, quando a festa se acaba, a luz se apaga e resta a pergunta: E agora, José? No original, aparece também E agora, Joaquim? E agora, Raimundo? Sim senhor, Joaquim e Raimundo estavam juntinhos com José, isto lá no poema original. Mais tarde é que seu Drummond, impiedoso que só ele, tornou a matar os dois, retirando-os da história. José, então, ficou sozinho, no escuro, sem cavalo, sem mulher — até cuspir, o pobre já não podia mais.

José, outro que amou sem ser amado, poderia muito bem fazer parte da “Quadrilha”, ao menos no lugar de Joaquim. Relembremos: João amava Thereza, que amava Raimundo, que amava Maria, que amava Joaquim, que amava Lili... E aqui aparece mais uma curiosidade: em Itabira, Lili era o apelido de uma prima do poeta, chamada Amarylles de Paula Andrade, filha de Senhorinha Maria de Andrade e Olinto Horácio de Paula, homem influente, deputado na província e ex-juiz da comarca.

Era uma jovem alegre, estudiosa, tocava piano e de uma beleza que era falada em toda a região. Com tantos dotes, tornou-se a moça mais pretendida pelos rapazes do lugar — e

um dos candidatos vinha a ser um certo irmão de Drummond, o tal José.

Uma noite, ela já noiva, de casamento marcado — com moço de cidade vizinha —, havia uma festa no casarão do juiz, quando José chegou e, louco de amor, tentou em vão ‘roubar’ a prima. Foi uma pedra de escândalo. E agora, José? — escreveu Drummond, a pergunta que ficou para sempre na boca do povo.

E o final da “Quadrilha” também é conhecido: João foi morar nos Estados Unidos, Thereza entrou para o convento, Raimundo morreu em um desastre, Maria ficou para tia, esperando Joaquim, que cometeu o gesto extremo, enquanto Lili casou com Brederodes — que não tinha entrado na história. Brederodes? Como assim? Não era J. Pinto Fernandes que tinha entrado no final da história? Não, não. Na primeira edição do livro, Lili aparecia casada com esse tal de Brederodes. Depois foi que Drummond se arrependeu e trocou a graça para J. Pinto Fernandes.

O que, assuntando bem, a olhos de hoje, assentou muito mais. Porque é um mistério, um trem meio ambíguo, essa letrinha J, que ficou como uma incógnita, um enigma. A letra J pode ser tanto a inicial de José como a de João ou Joaquim. Aliás, ficando esse J. com um Fernandes no final e um Pinto no meio, você não sabe se se trata de homem, se se trata de mulher, não sabe nem mesmo se se trata de gente. Vai-se ver esse J. Pinto Fernandes é um negócio, uma firma, uma empresa. Ou seja, Lili, aquela que-não-amava-ninguém, talvez tenha se casado com uma razão social, com uma bela d'uma pessoa jurídica. E ninguém tem nada a ver com isso.

UM SOLO DE SAX PARA LUIS FERNANDO VERISSIMO

Edmílson Caminha

São muitos os escritores para quem o sobrenome constitui peso a carregar, referência a padecer, desafio a encarar. Que o digam Maria Julieta Drummond de Andrade, filha do poeta Carlos; Elisa Lispector, irmã de Clarice; Ricardo Ramos, filho de Graciliano; James Amado, irmão de Jorge, e Luis Fernando Verissimo, filho de Erico. Que importância têm esses parentes ilustres, qual a influência que exercem? – são perguntas a que respondem no correr de toda a vida. Alguns não se deixam vencer pela glória que lhes é tão familiar, e protagonizam, também, uma bela carreira literária.

Para Luis Fernando, certamente não foi fácil ter como pai o romancista que já publicara *Clarissa*, *Olhai os lírios do campo*, *O Continente* e *O Retrato*, quando a família se transfere, em 1953, para os Estados Unidos, onde o escritor assumirá, em Washington, a direção do Departamento de Assuntos Culturais da OEA. Aos 17 anos, com um Verissimo já famoso na literatura, resolve aprender a tocar trompete. “Só temos vaga para sax”, dizem-lhe na escola de música, da qual saiu tão bom quanto os profissionais do instrumento.

De volta ao Brasil só em 1966 – já com 30 anos, mas sem emprego para sustentar-se –, começa a trabalhar como *copydesk* no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, em que assinaria, depois de algum tempo, a coluna que fora de Sérgio Jockymann. Ao primeiro livro, *O popular*, que lançou em 1973, seguiram-se campeões de venda como *Ed Mort e outras histórias* (1979), *O analista de Bagé* (1981) e *A velhinha de Taubaté* (1983), que lhe permitiram, a exemplo do pai, viver do que ganhava como autor, na Porto Alegre de que nunca sairia.

Embora festejado como cronista, Luis Fernando sempre teve um pé no conto, pelo gosto de render-se à imaginação, de inventar personagens: o detetive carioca que empenna o revólver para pagar o aluguel da sala, o psicanalista machão que propõe ao cliente “cortar o mal pela mandioca”, a velha senhora do interior de São Paulo, que ainda acredita na honestidade do governo e na compostura dos políticos... O próprio escritor reconhece

a tendência para a ficção, ao definir os textos de *O popular* como “crônicas, ou coisa parecida”. Tornou-se, com o tempo, um mestre da história curta: “A mancha” é verdadeira obra-prima do conto brasileiro, sobre a tortura a que sobreviveu uma personagem vítima da ditadura de 1964. Está na coleção “Vozes do golpe” (com outras boas histórias de Carlos Heitor Cony, Moacyr Scliar e Zuenir Ventura), lançada pela Companhia das Letras em 2004, e depois republicado em mais uma coletânea de Verissimo, *Os últimos quartetos de Beethoven e outros contos*, pela Editora Objetiva, em 2013.

Filho de peixe, não resistiria à tentação do romance. Escreveu *O jardim do dia-bo* (L&PM, 1987) e mais três, sob encomenda (“minha musa é o prazo”, costumava dizer): *O Clube dos Anjos* (Objetiva, 1998), sobre a gula, da coleção “Plenos pecados”; *Borges e os orangotangos eternos* (Companhia das Letras, 2000), da coleção “Literatura ou morte”, em que os protagonistas são escritores célebres; e *O opositor* (Objetiva, 2004), da coleção “Cinco dedos de prosa”, em que lhe coube o polegar. Todos muito bons, certamente pela tranquilidade absoluta com que sempre administrou a fama paterna: jamais se sentiu na obrigação de criar outro *O tempo e o vento*. Um da família já o fizera, o que não é pouco...

Somem-se, a tão extensa e importante obra, as crônicas de viagem com a parceria do ilustrador Joaquim da Fonseca, reunidas nos seis volumes da série *Traçando: New York* (1991), *Paris* (1992), *Porto Alegre* (1993), *Roma* (1993), *Japão* (1995) e *Madrid* (1997).

Diretor do Departamento de Jornalismo da TV Educativa do Estado do Piauí, em 1987 fui, pela primeira vez, a Porto Alegre, quando conheci três das minhas admirações literárias: Mário Quintana, Moacyr Scliar e Luis Fernando Verissimo, que me recebeu na casa da rua Felipe de Oliveira, 1415, bairro de Petrópolis, por muitos anos o endereço de Erico e Mafalda. Levou-me ao escritório do pai, mantido como ele o deixara: os livros, a poltrona para leitura, a escrivaninha com a máquina de escrever elétrica, os documentos do futuro “Acervo Literário de Erico Verissimo”, que então se organizava sob a coordena-

ção da professora Maria da Glória Bordini, da Universidade Federal e da PUC do Rio Grande do Sul.

Indaguei-lhe se havia algo do humor de Woody Allen no que escrevia:

— Não, acho que não... Talvez uma certa coincidência das nossas visões de mundo, pelo fato de ele ser americano e eu ter conhecido o *american way of life*, quando morei por lá.

Penso, hoje, que a pergunta se faria melhor ao famoso diretor de cinema. No filme *Café society*, pareceu familiar a Luis Fernando ouvir que o ideal é viver cada dia como se fosse o último, um dia você acerta... “Eu disse ou escrevi essa frase faz algum tempo. Quem diria, Woody Allen me plagiando!”

Conversamos, por mais de três horas, sobre literatura, charges, cartuns, música em geral e jazz em particular, uma de suas paixões, mas não o que se fazia então: “Só confio em músico que já morreu ou que tenha mais de 50 anos.” Participava, à época da “Muda Brasil Tancredo Jazz Band”, com os humoristas Paulo e Chico Caruso e Reinaldo Figueiredo, do “Casseta & Planeta”. O grupo estreou em 1985, no Salão de Humor de Piracicaba, e faria, no ano seguinte, apenas dois dos três *shows* programados para o Teatro Nacional de Brasília:

— Na última noite, combinamos entrar no palco totalmente às escuras: quando os refletores se acendessem, começaríamos a tocar. Acontece que me desorientei, caí do proscênio e quebrei o fêmur. Recebi os primeiros socorros de um médico que se encontrava na plateia e fui para o hospital. Ainda tenho de usar esta muleta, mas estou ficando bom...

Sobre a banda “Jazz 6”, em que se apresentava com o seu sax-alto, diz no encarte do CD *Agora é a hora*, de 1998: “Tenho um truque para ouvir alguns dos melhores músicos de Porto Alegre, sempre de um lugar privilegiado e sem precisar pagar nada. Toco junto.” Referia-se a Adão Pinheiro (piano), Geraldo Schuler (sax-tenor e flauta), Luiz Fernando Rocha (trompete), Jorge Gerhardt (baixo) e

Continuação na página 12

Gilberto Lima (bateria). Os solos de Verissimo em “Elis”, de Sadao Watanabe, e “Night in Tunisia”, de Dizzy Gillespie, vão muito além das limitações de um amador. No quarto disco do conjunto, *Four* (2007), já não se ouve o sax-tenorista, o que levou Luis Fernando a comentar: “Depois do último CD o grupo ficou menor, mas o nome continuou o mesmo, o que nos garante o ineditismo: somos o único sexteto com cinco figurantes do mundo.”

Não bastasse a obra em que contam mais de 80 títulos, o escritor ainda achava quem lhe atribuísse, indevidamente, vários textos que passam de mão em mão pela internet, garimpados por Cora Rónai em *Caiu na rede* (Rio de Janeiro : Agir, 2006). Sobre um dos poucos que não se jogam no lixo da má literatura, confessou: “Eu gostaria de encontrar o verdadeiro autor do ‘Quase’ para agradecer a gló-

ria emprestada e para lhe dar um recado. No Salão do Livro de Paris, na semana passada, ganhei um volume de textos e versos brasileiros muito bem traduzidos para o francês, com uma surpresa: eu estava entre Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e outros escolhidos, adivinha com que texto? Em francês ficou ‘Presque’”. Felipe Leinhart, repórter do *Diário Catarinense*, esclareceu o mistério: a crônica fora escrita pela jovem Sarah Westphal Batista da Silva, quando aluna de um curso pré-vestibular em Florianópolis. Verissimo aproveitou a descoberta para fazer graça: “A Sarah está no quarto semestre de Medicina mas sonha em largar a faculdade para escrever. Olha aí, editores. Ela nem começou e já foi traduzida na França.”

Cronista, contista, romancista, chargista, cartunista, músico... Todos esses talentos se somavam nele, quando ser bom em uma

arte, uma só, já é razão para fazer feliz quem a exerce. Donde se conclui que, nesse caso, honrou o sobrenome que lhe veio do pai: era um exemplo, perfeito, de superlativo absoluto.

O adeus a Luis Fernando Verissimo, às vésperas dos 89 anos que completaria, não tem lugar para a dor, mas para o humor com que suas histórias e suas personagens fizeram, e continuarão a fazer, o Brasil melhor, mais inteligente, mais feliz. Lembro-me do que me contou Fernando Sabino sobre o pai, seu Domingos, ao saber que Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino e Paulo Mendes Campos encontravam-se no exterior: “Meu filho, seus amigos estão todos na Europa. Será tempo de jabuticaba por lá?”

Primeiro foi Jaguar; agora, Luis Fernando Verissimo. Sei não, mas acho que é tempo de jabuticaba no céu...

POEMAS DE NOÉLIA RIBEIRO

O TOQUE DA PONTA

O toque do dedo
na pele solitária
faz irromper
o sentimento genuíno

A ponta do dedo
guarda o destino
na impressão
do amante

A ponta do dedo
aponta o trajeto
do fascínio
e do medo

O toque do dedo
aquece o coração
desatento
dos envelhecidos

PRIMEIRO ATO

nós
velas acesas queimando
em becos de incerteza
sonâmbulas vagas
no mar da Lapa
bizarros sommeliers
fáceis presas
do rudimentar prazer
cometido à socapa

ALLIUM CEPA

Chore.
Chore até soluçar. Permita
que a mobília desmorone. Leia
um poema de Paulo Henriques Britto. Ouça
Dolores Duran no Spotify. Corte
uma ou duas cebolas na cozinha.
Elas exsudam abandonos antioxidantes.
Prenda, então, a lágrima com chave
espartana, como fez dias atrás, e
caminhe pelo centro da cidade.

Os miseráveis conseguem cortar cebolas sem chorar

TEMPOS VIS

o verão da escrita
faz voar palavras
folhas verdes

o outono da fala
as faz cair
folhas mortas

em tempos vis
palavras desfolham-se